

A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL COMO CATEGORIA DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

Emerson Lizandro Dias Silveira¹

Resumo: O espaço geográfico é produzido pelas distintas relações estabelecidas entre sociedade e natureza, sendo o resultado de uma combinação de fatores de ordem política, econômica, cultural e tecnológica que se traduzem em formas e funções que mudam a partir de um movimento histórico gerado nas diferentes relações que se estabelecem num determinado local. O presente artigo explora conceitos em torno da organização espacial, como pressupostos teóricos eficazes na compreensão de um estudo de caso sobre o município de Rio Pardo. Enfatiza-se num primeiro momento a importância dos pressupostos teóricos que dão corpo à Ciência geográfica, notadamente uma reflexão sobre a categoria espaço, e como esta em face aos movimentos da sociedade se constitui e transforma-se. Discute-se ainda como o espaço responde aos movimentos específicos do capital, reordenando-se e assumindo novas dinâmicas possibilitando novos pontos de partida, dando ao espaço um dinamismo típico. Identifica-se por fim, a aplicabilidade da teoria sobre a organização espacial tendo como estudo de caso o município de Rio Pardo/RS.

Palavras-chave: Espaço; Organização Espacial; Tempo; Lugar.

THE SPATIAL ORGANIZATION AS A CATEGORY OF ANALYSIS OF GEOGRAPHY

Abstract: The geographic space is the result of relations between society and nature, being a sum of political, economic, cultural and technological factors translated into forms and functions that changes from historical movements generated in different relations settled at a particular place. This article uses concepts about spatial organization as theoretical key to understand a case study at Rio Pardo's city. It emphasizes the importance of theoretical conceptions that embodies geographic Science, notably a reflection on the space category and, as renews itself, how this relates to the movements of society. This article discuss how space responds to the movements of capital, reordering and assuming new dynamics, enabling new starting points and gives to the space a typical dynamism. Finally, identifies the applicability of spatial organization theory in a case study at Rio Pardo's city.

Keywords: Space; Organization Space; Time; Place.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador Didático Institucional da Faculdade Dom Alberto. emersongeors@gmail.com
Estudos Geográficos, Rio Claro, 13(1): 146-162, jan./jun. 2015 (ISSN 1678—698X)
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

A Geografia instituiu-se como ciência no século XIX, por volta de 1870 e debateu-se na construção de seu objeto de estudo definindo-o epistemologicamente no decorrer dos anos. Compreender a ciência geográfica requer uma visão clara a respeito da constituição de sua teoria: suas leis e princípios, os quais permitem analisar um determinado fenômeno.

Pensar a Geografia requer uma revisão minuciosa e detalhada dos conceitos que lhe dão forma. Como ciência social, a Geografia tem como campo de estudo a sociedade, que é objetivada pela análise de cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana sobre a superfície terrestre: espaço, lugar, território, região e paisagem.

Essa base conceitual é muito complexa e abrange a superfície terrestre, a qual é dinâmica e está em constante transformação. Cada um dos conceitos indicados tem sido objeto de amplo debate, suscitando várias acepções, de acordo com uma ordem de pensamento que leva em consideração a formação intelectual do pesquisador e os interesses relacionados à pesquisa. É salutar ressaltar que este debate tem sido extremamente útil, pois nele se revelam conflitos, o que permite avanços na teoria geográfica.

Dentre os conceitos-chave, o espaço aparece em vários discursos, acadêmicos, refletindo acepções de acordo com a ciência que o utiliza, sendo desta forma denominada como espaço econômico, político, cultural, entre outros. Pode-se dizer que o debate acerca desta categoria remonta a instituição da Geografia como ciência.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Geografia já havia se consolidado como ciência e o espaço passa a ser visto como resultado da ação humana que se realiza através do movimento da sociedade sobre o meio natural. Essa acepção de espaço produzido, idealizada por Henry Lefebvre, no final da década de 1960, emerge como resposta ao aumento das contradições sociais e espaciais durante a crise geral do capital naquele período que desemboca na constituição da corrente da Geografia Crítica. Segundo Correa (1995), o espaço aparece como uma totalidade, constituindo-se o lócus da reprodução da sociedade, abarcando a natureza, as relações sociais, a política e as formas de reprodução econômica.

Nesta perspectiva segundo Santos (2008, p. 28):

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento.

Milton Santos, inspirado em grandes pensadores geográficos, com destaque para Lefebvre, torna-se o grande expoente ao abordar a natureza e o significado do espaço. Para Santos (1985), a ideia central da interpretação do espaço situa-se na combinação simultânea entre a forma, os processos, a estrutura e a função. Para este, forma é o aspecto visível, exterior de um objeto, seja ele visto isoladamente, seja considerando-se o arranjo de um conjunto de objetos, formando um padrão espacial. A noção de função implica uma tarefa ou um papel a ser desempenhado pelo objeto criado. Estrutura diz respeito à natureza social e econômica de uma

Estudos Geográficos, Rio Claro, 13(1): 146-162, jan./jun. 2015 (ISSN 1678—698X)
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

sociedade em um dado momento e, finalmente, processo é definido como uma ação que se realiza, via de regra, de modo contínuo, visando um resultado qualquer, implicando tempo e mudança.

Com base na análise das categorias espaciais, Santos (1985) pressupõe a existência de um movimento dialético fazendo com que os lugares tornem-se combinações de variáveis que se diferenciam ao longo do tempo. Nesse sentido, é a ideia de movimento da totalidade no tempo e no espaço que fundamenta a concepção de que este é produzido no e pelo movimento da sociedade. Esta traduz espacialmente novas formas e funções que se combinam para atender às necessidades geradas pelas relações de produção e da divisão social do trabalho.

Santos (1996) afirma que o espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência e para o exercício da política. Cada lugar geográfico concreto corresponde em cada momento a um conjunto de técnicas e instrumentos de trabalho, resultado de uma combinação específica que também é determinada historicamente.

O espaço, segundo Santos (1996), é formado por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não de forma isolada ou desconexa, mas como um processo único no qual a história se dá numa só totalidade. Entretanto, através de análises, deve ser possível dividi-lo em partes e reconstituí-lo depois. Esta divisão deve ser operada segundo uma variedade de critérios entre os quais estão os elementos do espaço.

Os elementos do espaço, por sua vez, seriam os homens, as firmas, as instituições, os elementos físicos da paisagem e as infraestruturas. Os homens são elementos do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso. As firmas têm como função a produção de bens, serviços e ideias. As instituições produzem normas, ordens e legitimações. O meio natural seria o conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. Finalmente, as infraestruturas são o trabalho humano materializado na forma de casas, plantações, estradas, hidrelétricas, viadutos entre outros.

A enumeração das funções dos elementos do espaço mostra que eles são (de certa forma) interdependentes entre si. Ao mesmo tempo em que os elementos do espaço se tornam mais interdependentes, as relações entre eles se tornam também mais próximas e muito mais extensas. Dessa maneira, a noção de espaço como uma totalidade se impõe de maneira mais evidente.

Na medida em que a função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo, pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social.

Segundo Santos (1996) os elementos do espaço estão submetidos a variações quantitativas e qualitativas. Desse modo os elementos do espaço devem ser considerados como variáveis que a cada momento histórico mudam seu papel e sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo. Isso significa que eles variam e mudam seu valor segundo o movimento da História. Ressalta-se que, no movimento da história, Rio Pardo respondia em cada momento histórico a um padrão de organização espacial que se relacionava ao contexto político e econômico em vigência. A evolução que marca as etapas do processo de trabalho e

das relações sociais marca as mudanças verificadas no espaço geográfico, tanto morfológicamente quanto em relação as suas funções e processos. É assim que os diferentes períodos históricos se distinguem uns dos outros.

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e, ao mesmo tempo, novos pontos de partida para um movimento histórico que redefine as funções de um determinado lugar. Os eventos são, pois, todos novos, quando emergem na sociedade, propondo uma nova história, mudando as formas, estruturas e funções. Estes não se dão isoladamente, mas em conjuntos sistêmicos. A relação do homem com o espaço é dada cada vez mais pelo resultado do processo de organização visto como um todo. Eventos como a Revolução Industrial, a mecanização do campo, a substituição da hidrovia por ferrovias e rodovias, a implantação de colônias italianas e alemãs são movimentos históricos que têm relação com um contexto amplo e muitas vezes longínquo do local em estudo, produzindo reflexos que são sentidos até hoje na organização espacial do Rio Grande do Sul, em especial do município de Rio Pardo, cuja ideia é abordada em sequência.

A noção de “rugosidades”² complementa a ideia de que a produção do espaço é ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções dos lugares. Para Santos (1980, p. 138):

(...) as rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados [...]. O espaço, portanto é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos, ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas.

As rugosidades são, nesse sentido, as formas espaciais do passado produzidas em momentos distintos do modo de produção e, portanto, com características sócio-culturais específicas. Nessa linha de interpretação, rugosidades constituem-se em paisagens³ técnicas que podem ser periodizadas segundo o desenvolvimento do modo de produção e das condições técnicas que paulatinamente, são substituídas ou aperfeiçoadas.

As rugosidades estão presentes na organização espacial atual de Rio Pardo, e elas refletem o testemunho de diferentes saltos na história da evolução econômica

² A ideia de “rugosidades espaciais”, é expressada de diferentes modos desde o século XIX, por Marx, Hegel, Engels entre outros autores, sendo revisada por Milton Santos(1980) com o objetivo de fundamentar o importante papel das heranças espaciais nos diferentes momentos históricos.

³ A noção de “paisagem” sempre esteve associada à ideia de formas visíveis sobre a superfície da terra e com sua composição, de outro, sua importância para o pensamento geográfico tem variado no tempo. No entanto, a partir da década de 1970, os estudos de paisagem ampliaram-se, sobretudo sob dois enfoques: o sistêmico e o cultural. Sob o enfoque cultural, Paul Claval atribui ao homem à responsabilidade de transformar a paisagem, bem como de imprimir na mesma transformações diferenciadas, criando uma preocupação maior com os sistemas culturais do que os elementos naturais da paisagem. A paisagem é humanizada não só pela ação humana, mas pelo modo de pensar. Desta forma, a paisagem é concebida como uma representação cultural.

e política do Brasil. Estas rugosidades podem ser identificadas no traçado irregular das ruas, no estilo arquitetônico dos casarios antigos, misturando-se as novas paisagens culturais inseridas no momento atual. Muitas destas rugosidades assumem novas funções, em geral turísticas, como museus, centros de exposição de arte ou prédios comerciais que mantêm a mesma estrutura física, mas uma função renovada no espaço.

De acordo com Carlos (1996, p. 129), “a construção de um espaço novo a partir de um preexistente inclui a articulação da técnica e do saber à gestão onde o Estado, ao lhe atribuir funções, constitui-se em um espaço de dominação”. Cabe ressaltar que, frente ao exposto anteriormente não só o Estado, mas cidadãos e empresas dão novas atribuições a antigas feições físicas do espaço e mostram uma reciprocidade entre sociedade e espaço que integram ou desvalorizam as paisagens técnicas herdadas de um período histórico anterior.

A organização espacial se expressa através do movimento dialético da totalidade com as partes, de modo que o surgimento de uma nova forma espacial traduza fragmentos da totalidade e combinações específicas em diferentes escalas temporo-espaciais. Assim, a forma espacial torna-se um fator social, não apenas pela sua permanência no tempo, mas pelo conteúdo técnico, cultural, econômico e ideológico que lhe é atribuído.

A complexa estrutura do espaço sugere que, para a sua análise, seja utilizado um método baseado na apreensão de paradigmas e num confronto inverso, na decomposição do mesmo. Essa decomposição resulta no que Santos chama de elementos. Os elementos do espaço não são rígidos, eles podem estar inter-relacionados e se reduzirem. Essa inter-relação salienta o caráter sistêmico do espaço e seu funcionamento é reflexo da polivalência de seus elementos. Os elementos que compõem o espaço são estruturados de acordo com seus papéis, relações e condições e não apenas pela sua representação particular e física. É importante inferir que os elementos do espaço estão sujeitos a transformações no momento em que se deslocam no tempo. Isso porque a dinâmica do movimento histórico agrega qualidades e quantidades a essa ordem. Nesse sentido os elementos são mutáveis no tempo, assim como se transformam com o deslocamento do lugar. Um elemento sob as mesmas condições, em lugares diferentes, desenvolve-se de formas diferentes.

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Um outro exercício de compreensão é necessário no entendimento da dialética tempo e espaço, relacionando-se ao momento atual, marcado pela intensa interdependência entre povos e países sob ótica da chamada Globalização.

Convivemos desde os anos de 1990 com esta expressão que se propagou pelo planeta, para designar uma nova fase da expansão do sistema capitalista, que apresenta diferentes dimensões: socioeconômica, política e cultural manifestadas sobre o espaço geográfico. Embora tenha raízes imediatas na expansão econômica do pós Segunda Guerra Mundial e na Revolução Técnico Científica ou Informacional, revela-se na continuidade de um longo processo histórico de

mundialização do capitalismo iniciado na Europa nos primórdios da Idade Moderna. Nesse sentido Harvey (2006, p. 80) aponta que:

O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica [...] como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele Constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infra-estruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase da história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior.

Essa reorganização espacial sugerida por Harvey é decorrente da própria dinâmica de acumulação do Capitalismo que se reconfigura sempre com a intenção de abrir caminho para uma maior acumulação numa fase posterior. Portanto, Globalização é uma palavra recente, forjada no ocaso da Guerra Fria, mas seu significado acompanha a evolução do sistema capitalista desde a expansão marítima comercial empreendida pelo continente europeu no século XV em busca de novos mercados. Está em curso um novo surto de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. O desenvolvimento do modo de produção capitalista de produção, em forma extensiva e intensiva, reorganiza-se com base em novas tecnologias, criação de novos produtos, recriação da divisão internacional do trabalho e mundialização de mercados. As forças produtivas básicas, compreendendo o capital, a tecnologia e a força de trabalho, superam fronteiras geográficas, históricas e culturais, multiplicando-se assim as suas formas de articulação e contradição. Conforme Santos (1999), "uma nova combinação de fatores, diferente da que comandava o sistema anterior, vai ter um papel fundamental no sistema novo".

O novo é para nós, um período marcado por espetaculares progressos em todos os campos da vida humana que se devem à aliança entre a ciência e a tecnologia, sob a égide da técnica. Esse novo momento sob o qual estamos imersos, tem suas raízes no período subsequente a Segunda Guerra Mundial, quando se deram as principais descobertas tecnológicas em eletrônica, o primeiro computador programável e o transistor, fonte da microeletrônica, o verdadeiro cerne da revolução da tecnologia da informação do século XX. No entanto, é somente na década de 1970 que as novas tecnologias de informação difundiram-se amplamente, acelerando seu desenvolvimento e convergindo-se num novo paradigma. Esse é um evento histórico da mesma importância da Revolução Industrial do século XVIII, induzindo um padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, da sociedade e da cultura. A primeira revolução em tecnologia de informação concentrou-se nos Estados Unidos e, até certo ponto, na Califórnia nos anos de 1970, baseando-se em progressos alcançados em décadas anteriores, em especial do setor militar, sob influência de vários fatores institucionais, econômicos e culturais. Diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na atualidade refere-se às tecnologias de informação, processamento e comunicação. O que caracteriza a atual Revolução Tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informações, mas a aplicação desses para a geração de conhecimentos e técnicas num ciclo de realimentação cumulativa entre

inovação e uso. Isso permitiu a aplicação imediata no próprio desenvolvimento tecnológico, conectando o mundo através da tecnologia da informação. Milton Santos alerta que, diante das características atuais emanadas das transformações nas sociedades e no espaço geográfico devem ser entendidas a partir do conhecimento de três dados típicos de nossa época: a unicidade técnica (difusão em escala planetária de técnicas produtivas), a convergência dos momentos (a simultaneidade das relações), e a unicidade do motor (interdependência econômica).

Esses três dados, formam a base material do fenômeno que denominamos, desde o final dos anos de 1980, de Globalização, gerando eventos que são interdependentes num grande circuito global de relações. Neste contexto, destaca-se que se faz parte de um processo de integração mundial o qual se intensifica a cada instante. Na visão de Santos (1993, p.34) é mais do que isso, pois o mesmo salienta que: “O processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico”. Desta maneira, ocorre a subordinação dos espaços nacionais aos interesses internacionais, sendo a ciência, a tecnologia e a informação a base para a apropriação do espaço, sendo mais favorável na acepção do autor, “aos interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade”.

Dito isso, é necessário o exercício de reflexão sobre a totalidade-mundo, que se origina através do avanço das forças produtivas do grande capital, cuja expansão geográfica se intensifica além dos chamados países desenvolvidos, envolvendo uma ampla gama de países situados na periferia do sistema econômico mundial.

Do ponto de vista financeiro, a globalização está definida pela espetacular expansão dos fluxos financeiros internacionais. A tendência a desregulamentação financeira observada na maioria dos países, o avanço da internacionalização da produção de serviços financeiros e a liberalização cambial facilitaram a expansão das relações financeiras internacionais.

Na esfera produtiva, a globalização está ligada ao incremento dos fluxos de investimentos estrangeiros diretos, às estratégias das empresas transnacionais e ao processo de reestruturação empresarial para fazer frente a este mercado cada vez mais competitivo.

Diante deste contexto, o que distinguiu o processo de globalização de toda a experiência anterior foi a intensidade de seus efeitos que se superpõe aos anteriores. O mercado mundial é cada vez mais formado por grandes acordos negociados entre agentes econômicos bem definidos.

As diversas consequências da globalização apenas começam a se esboçar. Todo o processo histórico novo produz incerteza em seu início. Não poderia ser de outra forma, porque o novo não nasceu inteiramente e o velho não morreu de todo. As transformações em curso são fatos perceptíveis, mas suas implicações na vida política e social futura ainda são difíceis de prognosticar.

Juntamente com esse novo processo reestruturador, representado por equipamentos flexíveis de base microeletrônica, tecnologia de informação e organização do trabalho e da produção, constatou-se uma modificação considerável na estrutura produtiva.

O final do século XX vem sendo marcado por um conjunto de transformações econômicas e sociais na economia mundial. A chamada Terceira Revolução Industrial impõe um novo padrão de desenvolvimento, denominado acumulação flexível. O processo de reestruturação industrial em curso está baseado em novos processos produtivos, e a mudança se dá em direção a um modelo de

produção flexível e a novas formas de organização da produção que implicou na busca de melhorias na base produtiva e na adoção de novas práticas gerenciais diante da acirrada concorrência e da abertura da economia.

A resposta a essas mudanças veio na forma de um forte processo de reestruturação e atualização das estruturas produtivas, com a introdução de novas formas de organizar a produção, criando novos conjuntos de produtos, serviços, sistemas e indústrias, de modo a permitir reorganizar o quadro da concorrência internacional.

Nesse contexto, o entendimento do espaço é uma tarefa árdua devido às intensas transformações que se processam na base física e econômica do planeta. É característica do período atual que a força da globalização resulta da intensificação das relações econômicas em escala global, incorporando e transformando o espaço nacional. As transformações espaciais, provocadas por este processo não ocorrem num mesmo feixe de forças, também não se realizam com a mesma intensidade e se apresentam no espaço de forma desigual, ou seja, produzem-se diferenciações espaciais, algumas estranhas e antagônicas às características dos lugares. O território nacional metamorfoseando-se pelos elementos portadores desse fluxo de mudanças, incorpora, em sua constituição, dinâmicas produtivas que permitem a emergência qualitativa de especializações produtivas e de uma nova divisão territorial do trabalho. Para Santos (2008, p.28):

O conteúdo (da) sociedade não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento.

Na noção de forma geográfica está implícita a materialidade e a ação humana como condição de sua realização dentro de um processo unitário e dinâmico. A emergência dessas metamorfoses territoriais pode ser considerada como “uma fração do espaço total do planeta, cada vez mais aberto às influências exógenas e aos novos signos contemporâneos” (ELIAS, 2002, p. 11).

Aqui encerra uma dimensão renovada do espaço, cuja natureza é a sua interdependência de uso e de sentido. De uso, pois, as formas de produção novas são resultados de demandas intercambiáveis, externa à história do lugar. Na verdade a história do lugar passa a expressar em seu conteúdo a dinâmica da totalidade do mundo, daí a idéia de alargamento de contexto e de uma universalidade empírica (SANTOS, 1985), pois o lugar já não se explica e não se realiza historicamente somente pelos seus meios e seus atributos. A variável ou o feixe de forças modernizantes são dados desse novo momento e conteúdo do espaço.

Em função, da seletividade do capital não ser espontânea e sim planejada, contando com meios eficazes de pesquisa e de avaliação das condições materiais e de possibilidades de investimentos, isto redimensiona o processo de construção e de reorganização do espaço presente-se como apropriação do espaço público pelas funções e necessidades do capital privado.

Nesse sentido, a introdução de novos capitais em uma dada região ou, como quer Harvey (1993), de modalidades flexíveis de acumulação e gerenciamento, supõe a busca de vantagens comparativas que se materializam em formas espaciais

novas ou na reutilização de formas preexistentes, proporcionando, em escala local-global, a intensificação dos fluxos de bens e informações. Essas vantagens podem apresentar-se momentâneas ou transitórias e gerar formas espaciais cujas funções serão dissolvidas na medida em que as vantagens localizacionais tornarem-se rugosidades para a reprodução do capital.

Essa visão redimensiona a divisão internacional do trabalho, realocando forças produtivas em escala mundial, fragmentando o processo produtivo dos grandes conglomerados, que instalam unidades produtivas preferencialmente em países da periferia do capitalismo.

Essa tendência está relacionada com a apropriação de novas tecnologias que, com sua difusão, aperfeiçoamento e utilização, são capazes de transformar o espaço geográfico de acordo com necessidades e possibilidades, criadas e recriadas a todo o momento, dada à influência do processo globalizante. Essa influência afeta diretamente parcelas da sociedade em suas formas de pensar, agir, produzir e consumir no espaço/tempo, fato esse que se evidencia, se acelera e metamorfoseia a cada instante, pela velocidade das transformações em curso.

A economia global constitui-se hoje de um conjunto de economias regionais especializadas, que atuam na forma de um entrelace planetário de relações produtivas, financeiras e mercantis, no qual cada parte atua, de maneira distinta, na reprodução do sistema mundial, consubstanciando uma divisão socioespacial do trabalho.

Do mesmo modo, a economia mundial torna-se mais sensível às diferenças nos custos de produção, nos gostos de consumo e nas vantagens comparativas locais, acirrando a concorrência entre os lugares. A valorização e diferenciação espacial é condicionada, em grande medida, por diferentes capacidades de oferecer competitividade aos empreendimentos e rentabilidade aos investimentos, traduzindo ao final diferentes vantagens locais e expressando distintos níveis de produtividade geográfica ou espacial.

O CASO DE RIO PARDO: DE UM ESPAÇO LUMINOSO A UM ESPAÇO OPACO

O município de Rio Pardo, como pode ser observado na Figura 1, situa-se na porção central do estado do Rio Grande do Sul, integrando a região conhecida por Vale do Rio Pardo. Tem como municípios limítrofes Pantano Grande e Encruzilhada do Sul ao sul; Santa Cruz do Sul, Candelária, Vera Cruz e Passo do Sobrado ao norte; a oeste, Cachoeira do Sul e ao leste, Minas do Leão e Vale Verde e Butiá.

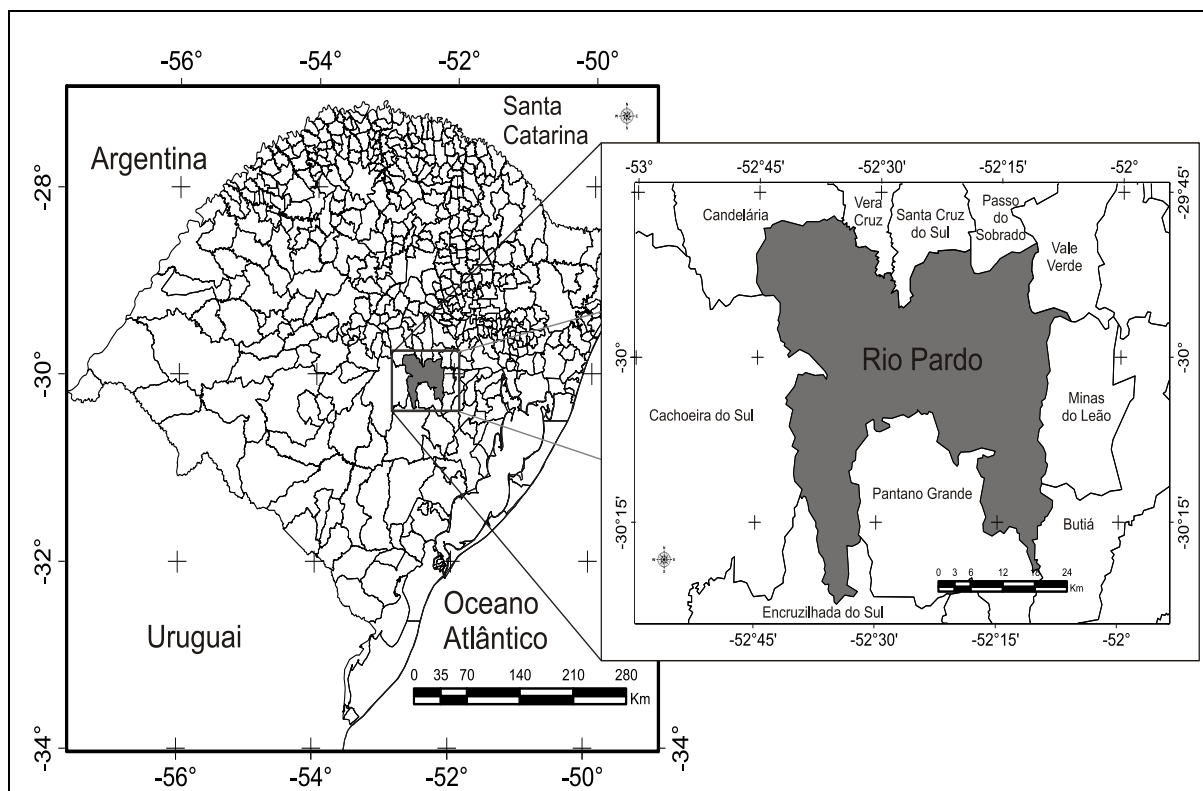


Figura 1 – Localização do Município de Rio Pardo no Estado do Rio Grande do Sul
Fonte: IBGE (2007).

A superfície total do município é de 2.050,5 km² e a sua sede, está localizada a 145 km de Porto Alegre. As principais vias de acesso à cidade são constituídas pelas BRs 471 e 290. A população total do município, segundo IBGE (2007), é de 37.704 habitantes, distribuídos na sede e nos distritos de Rincão Del Rey, Bexiga, Passo da Areia, Albardão, Passo do Adão, Iruí e João Rodrigues. Em geral, houve uma redução na população absoluta do município em relação aos últimos censos (1991,1996 e 2000). Segundo o IBGE, a população divide-se em 25.939 moradores na área urbana e 11.762 na área rural. A taxa de urbanização atual é de 68,8%.

A sede do município situa-se geograficamente na confluência dos rios Pardo e Jacuí, possuindo as ligações hidroviária, rodoviária e ferroviária, como mostra a figura 2. A ligação hidroviária e ferroviária é subaproveitada, carecendo de infraestrutura, bem como de incentivos que priorizem sua utilização.

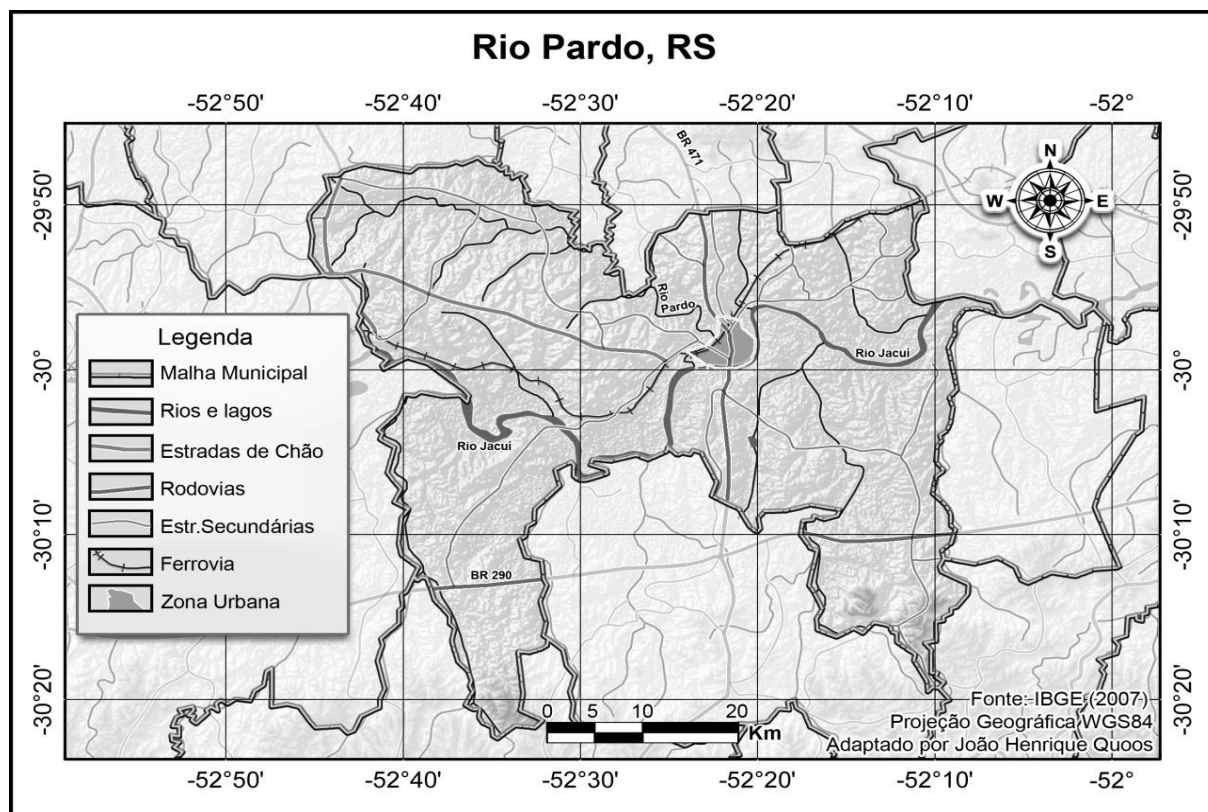


Figura 2 – Rio Pardo: Principais vias de Transporte

Atualmente, a partir das transformações ocorridas no espaço mundial em função da Globalização da economia, vê-se que o espaço torna-se extremamente seletivo. Assume novas funções de acordo com lógicas capitalistas determinadas por grupos econômicos e por políticas públicas com base em preceitos neoliberais que buscam propagar o crescimento, via investimentos produtivos, em espaços que apresentam condições apropriadas para a reprodução do capital.

Visualizam-se, no estado do Rio Grande do Sul, diferenciações espaciais herdadas de um processo histórico de ocupação e colonização que resultaram na configuração de duas porções distintas: o norte industrializado, e intensamente povoado, e o sul, assentado sobre a grande propriedade ganadeira e o latifúndio monocultor. Em função destas diversidades espaciais que se tornam mais expressivas na atualidade em decorrência da globalização da economia, vê-se que o Estado, a partir de políticas públicas, implementa medidas de desenvolvimento econômico que reorientam os rumos da economia gaúcha, possibilitando a inserção de novos atores econômicos e atividades produtivas, num espaço assentado tradicionalmente sobre a agropecuária.

Rio Pardo também passa por transformações em seu espaço que podem ser relacionadas com as novas dinâmicas introduzidas no território gaúcho recentemente. O município teve uma importância significativa na formação da fronteira e dos limites do estado do Rio Grande do Sul. Foi um grande pólo de desenvolvimento comercial no século XIX que influenciou na organização política, econômica e cultural deste território. Em função de diversas transformações ocorridas no território gaúcho, como as mudanças técnicas sentidas nos meios de transporte, de comunicações e na organização produtiva do estado, a cidade foi

perdendo influência econômica, pois manteve sua estrutura produtiva assentada na produção agropecuária, sem agregar a ela novas cadeias produtivas. Juntamos a isso a perda de importantes parcelas de seu território que foram se fragmentando em novos municípios. Fora isso, a instalação da ferrovia retira dela seu ponto de referência que era justamente o modal hidroviário que a colocava como cidade comercial. Posteriormente, no século XX, as sucessivas crises econômicas que se abateram sobre o campo empobrecem e transformam esta porção do espaço num local estagnado, sem dinamismo econômico capaz de atrair investimentos e desenvolver-se.

No final dos anos de 2000, o município de Rio Pardo entrou na rota de investimentos de uma transnacional ligada ao reflorestamento. A Aracruz Celulose, hoje Celulose Riograndense, que a partir de uma reorganização produtiva escolheu o município pela sua posição geográfica favorável e seu potencial hidroviário, como parte de uma política de expansão da empresa no estado do Rio Grande do Sul. Ao ampliar e cooptar maiores áreas de produção de eucalipto na campanha, a empresa vislumbra a ampliação de seus investimentos, contando com o modal hidroviário de Rio Pardo para a conexão com a unidade industrial em Guaíba.

O empreendimento passou a ser visto pelo poder público municipal em consonância com o governo estadual, como a grande alavanca de desenvolvimento, capaz de gerar renda e emprego, atraindo na sua rasteira uma série de outros investimentos produtivos capazes de serem agregados, gerando uma expectativa de desenvolvimento e novos rumos.

Essa situação mostra que a ocupação de determinados espaços por grandes conglomerados internacionais, é uma tendência típica da fase atual, pois estes procuram ocupar locais dotados de determinadas características capazes de satisfazer a lógica de acumulação capitalista, que é a minimização de custos e maximização de lucros. Na visão de Santos (2006), estes espaços se intitulam de luminosos, por contarem com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização, atendendo dessa forma a lógica do capital.

Os fatores de ordem técnica, organizacional e jurídico-normativa que definem essa tendência não são, entretanto, imutáveis; eles variam ao longo do tempo. Do mesmo modo, os empreendimentos econômicos e produtivos - e os capitais - migram em busca de novas vantagens locais, atendendo a suas necessidades de produção. Os locais tornam-se, assim, mais densos e complexos, mas também mais mutáveis, modificando-se rapidamente a sua organização interna, bem como o papel que desempenham no cenário mundial.

Nessa perspectiva, os vetores do processo da modernização globalizada apresentam total independência no espaço. É importante destacar que a realização de uma variável externa só se torna eficaz e se realiza historicamente, na medida em que o espaço contenha ou apresente certas condições capazes de atrair investimentos externos.

Mostrando o quanto são variáveis estas dinâmicas externas, e que elas estão relacionadas a um processo global, de intensa interdependência econômica e financeira, a Celulose Riograndense, na rasteira da crise financeira desencadeada no final de 2008, teve de frear seus projetos de expansão decorrente do momento de grande volatilidade dos mercados mundiais, que causou perdas e expôs a face volátil de investimentos que a globalização descortina.

No momento, o que se percebe são apenas marcas na paisagem, resultantes do desenvolvimento das mudas de eucalipto que revestem parte de propriedades que aderiram a Silvicultura como as observadas na figura abaixo.



Figura 3 – Expansão do eucalipto no distrito industrial de Rio Pardo

Onde se via pastagem, agora se vê florestas emergindo, implicando não apenas na transformação visual, mas em mudanças na fauna e flora da região, descaracterizando a tradicional paisagem do Pampa. A tão sonhada dinamicidade e transformação que a Silvicultura proporcionaria com a reativação do porto e a possibilidade de trazer na rasteira empresas e serviços não se revelou, na medida em que se observa apenas o manejo e o monitoramento das diversas porções do espaço por parte da empresa transnacional sediada no município de Guaíba, RS.

Fora este evento internacional e seguindo uma tendência estadual identificam-se políticas públicas por parte do poder público municipal que tem investido em ações institucionais empreendedoras, buscando parcerias com governo estadual e federal, setor privado e associações inserindo novos investimentos produtivos alicerçados sob a bandeira dos incentivos fiscais e das probabilidades de investimento que o espaço de Rio Pardo oferece. Em função de sua posição geográfica favorável, contendo três estruturas de transporte, o rodoviário, ferroviário e o hidroviário, amplia desta forma as perspectivas de crescimento econômico, remetendo desta forma a um passado longínquo onde condições similares foram a base de um momento de grande dinamismo econômico, que a luz dos novos tempos lentamente retornam, mostrando o quanto os diferentes movimentos da sociedade são dialéticos e contraditórios. Hoje, um ciclo de investimentos de diferentes ordens processa-se no espaço de Rio Pardo através de novos empreendimentos industriais, comerciais, cooperativistas que engrenam e impulsionam a economia do município, expressando-se na geração de novos postos de trabalho e renda, que nesse momento expressam transformações significativas na organização espacial do município.

As perspectivas para o crescimento e desenvolvimento do município de Rio Pardo dependerão de um conjunto de ações entre os seus atores locais e regionais desvelando-se das velhas práticas e buscando um desenvolvimento emancipatório endógeno resultando na construção e transformação de Rio Pardo em um espaço, cuja localização historicamente privilegiada impulse o mesmo a agregar dinamicidade e novas funções no contexto econômico pelo qual o Rio Grande do Sul atravessa funções essas que atendam as necessidades da população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem a pretensão de concluir a problematização teórica, afirma-se que o espaço geográfico é socialmente produzido. Este sistema indissociável de objetos e ações, através de relações capitalistas dinâmicas, contraditórias. Este espaço envolve sistemas de objetos cada vez mais tecnicizados e voltados à reprodução do capital e aos sistemas de ações, imbuídos da ideologia capitalista, sendo essas, racionalmente, delineadas numa perspectiva objetiva e alheia, muitas vezes, aos lugares onde atuam.

Nas reflexões sobre a dinâmica espacial do município de Rio Pardo, pode-se notar que o desenrolar das ações sempre repercutem mesmo que de maneira indireta umas sobre as outras. Estágios econômicos, momentos políticos, tendências ideológicas, deixam, a todo o momento seus registros e repercussões no espaço. Este fato se acentua ainda mais, quando analisado sob uma óptica histórico-geográfica, que leve em consideração, a situação socioeconômica do Rio Grande do Sul e do Brasil ao longo do tempo.

Pode-se perceber que o município atravessou diferentes saltos dialéticos, desde sua formação original a partir de um ponto militar estratégico que se constituiu o município em função das condições técnicas do século XVIII, decorrentes de uma ação do Estado português. Em função desta organização espacial inicial, o município de Rio Pardo, apresentou um grande crescimento econômico, tornando-se um entreposto comercial importante no extremo sul do país em meados do século XIX. Nesta condição agregou em seu espaço, dinamicidade econômica, concentração populacional, intensas atividades culturais, sendo considerada uma das mais importantes cidades do Brasil meridional do século XIX.

Em função das transformações processadas na estrutura produtiva do Brasil e por uma série de acontecimentos de ordem política, econômica e cultural, o município vai ao longo do tempo perdendo importância e influência em face às outras regiões do estado do Rio Grande do Sul, que cresciam e a agregavam ao seu espaço, dinâmicas relacionadas à economia urbana-industrial em ascensão em todo o país. A importância econômica, política e cultural do município, gradativamente vai se reduzindo a partir da combinação de diferentes acontecimentos ou marcos que lentamente alteram as formas, as estruturas e as funções que o município de Rio Pardo teve em função do movimento da sociedade colonial portuguesa do século XVIII, que organizou o espaço do município numa economia colonial centrada na agricultura e pecuária extensiva, marcando as relações sociais, econômicas e culturais nesta porção do espaço gaúcho.

Fatos como alterações nas relações de trabalho, na estrutura produtiva do estado do Rio Grande do Sul, a inserção de diferentes grupos étnicos como a

colonização italiana e alemã, mudança nas redes de transporte e diferentes políticas públicas empreendidas pelas respectivas esferas de poder, acabam impactando sobre a organização espacial do município que gradativamente perde influencia, econômica, política e cultural. Não se pode inferir que um fato, mas uma combinação de diferentes movimentos que inter-relacionados, contraditoriamente contribuíram para essas transformações.

Hoje, percebemos um novo momento em Rio Pardo onde por incentivos de diferentes políticas públicas, o município gradativamente busca novas alternativas econômicas frente às tradicionais atividades agropecuárias. Entre essas alternativas podemos destacar a redução dos tradicionais cultivos de fumo e arroz frente a emergência da soja transgênica que tem sido um elemento renovador na estrutura produtiva primária do município de Rio Pardo. Além disso, as atividades primárias tradicionais dinamizam-se em face à modernização tecnológica e as necessidades do mercado, agregando qualidade e produtividade às lavouras e criação extensiva, típica característica dos tempos atuais marcados pela globalização da economia. O setor primário antes centrado em grandes propriedades rurais hoje se reorganiza em função de alterações na estrutura fundiária e relações de trabalho que emergem em Rio Pardo com a agricultura familiar.

Além disso, em função de um passado histórico que se confunde e se cruza com a história do Estado do Rio Grande do Sul, o município agrega em seu espaço as heranças deste passado no traçado irregular das ruas, na estrutura produtiva no qual se baseia a economia e nos casarios antigos que convivem e assumem novas funções dentro de uma paisagem urbana moderna que se insere ao antigo. Estas rugosidades espaciais testemunham diferentes saltos dialéticos, sendo na atualidade revalorizados a partir de uma tendência de conservação, revitalização e valorização por parte de diferentes segmentos da sociedade riopardense.

Seguindo uma tendência estadual, identificam-se políticas públicas por parte do poder público municipal que tem investido em ações institucionais empreendedoras, buscando parcerias com governo estadual e federal, setor privado e associações inserindo novos investimentos produtivos alicerçados sob a bandeira dos incentivos fiscais e das probabilidades de investimento que o espaço de Rio Pardo oferece. Em função de sua posição geográfica favorável, contendo três estruturas de transporte, o rodoviário, ferroviário e o hidroviário, amplia desta forma as perspectivas de crescimento econômico, remetendo desta forma a um passado longínquo onde condições similares foram a base de um momento de grande dinamismo econômico, que a luz dos novos tempos lentamente retornam, mostrando o quanto os diferentes movimentos da sociedade são dialéticos e contraditórios. Hoje, um ciclo de investimentos de diferentes ordens processa-se no espaço de Rio Pardo através de novos empreendimentos industriais, comerciais, cooperativistas que engrenam e impulsionam a economia do município, expressando-se na geração de novos postos de trabalho e renda, que nesse momento expressam transformações significativas na organização espacial do município.

As perspectivas para o crescimento e desenvolvimento do município de Rio Pardo dependerão de um conjunto de ações entre os seus atores locais e regionais desvelando-se das velhas práticas e buscando um desenvolvimento emancipatório endógeno resultando na construção e transformação de Rio Pardo em um espaço, cuja localização historicamente privilegiada impulsiona o mesmo a agregar

dinamicidade e novas funções no contexto econômico pelo qual o Rio Grande do Sul atravessa, funções essas que atendam as necessidades da população local.

Nesse sentido, uma sociedade só se torna concreta através do espaço por ela produzido e, por outro lado, este só é inteligível através da sociedade. O espaço, desta forma, representa o dinamismo imposto pela sociedade e pelos seus processos produtivos, que diferem de lugar para lugar. Em Rio Pardo, resultam de um processo histórico que implica uma análise da dialética tempo e espaço para compreendê-lo e decifrá-lo no momento atual.

REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL. Comissão dos Assuntos Municipais. **Evolução municipal do RS 1809-1996**. Porto Alegre: 2002.

ARSÉNE, Isabelle. **Viagem ao RS: 1833-1834**. Tradução e notas de Dante de Laytano. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

CARLOS, A. F. A. A mundialidade do espaço. In: MARTINS, J. S. (Org.). **Henry Lefebvre e o retorno a dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave em Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia conceitos e temas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1995.

CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs, 1990.

ELIAS, Denise. Integração competitiva do semi-árido. In: ELIAS, Denise; SAMPAIO, José Levi Furtado. **Modernização excludente**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. 2. ed. São Paulo: [s.n.] 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo- razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1980.

A organização espacial como categoria de análise da geografia

_____. Os espaços da globalização. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 3, 1993, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 1993.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma nova Geografia**. 6. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. Modo de produção técnico-científico e diferenciação espacial. **Revista Território**, Ano IV, n. 6, jan./jun.1999.

Artigo submetido em: 27/09/2014

Aceito para publicação em: 25/04/2015

Publicado em: 11/09/2015